



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

DE SERTÕES, RIOS E ORIENTES – DES(RE)TERRITORIALIZAÇÕES RIZOMÁTICAS DA ALTERIDADE LATINO-AMERICANA EM GUIMARÃES ROSA, JOSÉ MARIA ARGUEDAS E MILTON HATOUM

Amilton Queiroz (UFAC)

Ezilda Silva (UNIFESPA)

Este trabalho analisa a figuração da alteridade latino-americana nos romances *Grande sertão: veredas*, *Os rios profundos* e *Relato de um certo oriente*, respectivamente de João Guimarães Rosa, José Maria Arguedas e Milton Hatoum. Com as contribuições da Literatura Comparada e dos Estudos Pós-coloniais, espera-se: 1) mapear os fluxos comunitários e as paisagens literárias; 2) cartografar os lugares do narrar dos romances, analisando como os narradores mediadores conectam geografias planetárias; 3) topografar as cenas do des(re)territorializar dos romances, examinando de que maneira os narradores figuram as errâncias, os limiares e os percursos transfronteiriços latino-americanos. Como lugares de passagens heterogêneas, os três romances viajam pelas águas do próprio e alheio, pintando a cartografia da paisagem brasileira e peruana, em movimento contínuo de des(re)territorialização do dentro-fora da rede de contato intercultural. A travessia das personagens, longe de separá-las, estigmatizá-las e engessá-las, testemunha, pontualmente, como o dentro-fora do nacional híbrido e o fora-dentro estrangeiro cindido encontram-se no porto simbólico da estrangeiridade latino-americana. A configuração desse lugar de estranhamento dentro de si mesmo consubstancia-se na dicção de vozes que deferem o jogo dinâmico de estar entre os labirintos dos mapas da multiplicidade de olhares. Assim, é preciso traduzir as texturas verbais e epistemológicas do território da letra rosiana, arguediana e hatouniana. Nestes portos de passagem, estão disseminadas a dinâmica da des(re)territorialização rizomática do imaginário latino-americano, atuando como um convite contínuo para ampliar nossos exercícios críticos em torno dos estudos comparados alicerçados nas fronteiras do devir.

Palavras-chave: Comparativismo, Alteridade, latino-americano, des(re)territorialização.

Ler Guimarães Rosa, José María Arguedas e Milton Hatoum é convite à tradução da poética do deslocamento e à cartografia das relações entre sujeitos, territorialidades e interculturalidades. O processo de leitura torna-se mais complexo e revelador, se conjugada a mirada comparatista de travessia pelas zonas da figuração de identidades em trânsito.

Através da releitura e reescrita do ethos da diferença, os textos desse trio literário escavam os trilhos da percepção do eu múltiplo, narrando o encontro com os signos da estrangeiridade fronteiriça, linguística e cultural. São, assim, escritas onde se encontra a projeção de alteridades posicionadas entre o próprio e o alheio das culturas,

testemunhando, por conseguinte, a força substantiva da geograficidade de sujeitos errantes, os quais deambulam pela margem do olhar.

Nesta empreitada constelar, o presente estudo alicerça-se na leitura contrapontual de *Os Rios profundos* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) e *Relato de um certo oriente* (1989), obras onde Arguedas, Rosa e Hatoum figuram a travessia, o deslocamento, o trânsito e a errância de narradores dotados da perspectiva transmigradora, transfronteiriça e intercontinental. A partir da cadência movente, as três obras realizam, cada uma a seu modo, a cartografia das des(re)territorializações rizomáticas da alteridade latino-americana.

O mapeamento do espaço da diferença é alcançado através da caminhada de atores culturais radicados dentro e fora da memória, trançando latitudes cujas “conexões geográficas hoje imperiosas nos levam a repensar as relações entre culturas, tradições e literaturas distintas” (CARVALHAL, 2003, p. 62). Estacionado nos limiares do século XX, o trio narrativo brasileiro e peruano esfolia as camadas da heterogeneidade estético-cultural latino-americana, reinscrevendo a poética do contato como zona de interlocução narrativa.

A esfoliação das conexões da memória individual e coletiva faz-os repensar, primeiramente, sobre a borda do imaginário tecida dentro de suas respectivas territorialidades locais. Em segundo lugar, o trânsito pelo território do próprio interliga o projeto de leitura plural dos narradores, pois eles atravessam e são atravessados no encontro com o alheio na fronteira de suas pátrias imaginárias, habitadas, concomitantemente, através da dimensão indígena, negra e estrangeira. E, finalmente, o traço comum traduzido pelos narradores é o movimento da des(re)territorialização empreendido na travessia de suas alteridades, posicionadas temporal e espacialmente no rol da voz heteróclita sustentada pela abertura de múltiplas inserções transfronteiriças.

Não por acaso, a cartografia empreendida por Ernesto, Riobaldo e a narradora manauara projeta “conexões geográficas” dos encontros interculturais. O fluxo dos encontros implica a vocalização das experiências escondidas detrás do imaginário posto em relação. Nesse lugar de passagem, estão ambientadas as novas geografias narrativas, fortemente dotadas do traço da mobilidade multifocal nas fronteiras da solidariedade transatlântica. Nutridos da atmosfera da distância, mas enlaçados pela geografia do espírito migrante, os narradores dos romances posicionam-se no espaço nômade da figuração do deslocamento e da alteridade latino-americana.

Cientes da ausência de um lugar fixo para narrar seus respectivos itinerários da mobilidade, Ernesto, Riobaldo e a manauara escalam a tríplice fronteira do ver, sentir e traduzir do ecossistema das “*tradições, das culturas e das literaturas*” peruana e brasileira. Eles testemunham, assim, a dramatização da diferença de seus mundos provisórios como estratégia incentivadora de entrelaçamento das identidades culturais, redefinidas sob o ritmo das ressonâncias e dos atritos de uma sobre a outra, já que estão amparadas pela perspectiva relacional dos imaginários culturais.

Quanto à cartografia do espaço latino-americano, a figuração dos Andes, do sertão e da floresta (acoplada à imagem de um certo Oriente) interliga-se através da transumância de vozes que narram o arquipélago de suas culturas desterritorializadas do insulamento dentro de si, bem como escavam as tramas da reterritorialização para ler o movimento do outro na paisagem do encontro.

Alojados no epicentro das poéticas transmigratórias, os narradores sobrepõem os espaços simbólicos da intersubjetividade local e global, afastando-se da posição horizontal dos olhares e levando-os à mirada do olhar em diagonal, capaz de conjugar o descentramento da percepção das trocas culturais operadas entre sujeitos desenraizados da certeza de suas origens e guiados pela liminaridade epistemológica da dúvida.

A descoberta de outros roteiros para caminhar no Andes, sertão e na floresta acontece no meio da travessia, ou seja, no entre-lugar das razões nômades do gesto tradutório da cultura alheia dentro do espaço do próprio, já tocado na sutileza de sua experiência residual do cotidiano das relações interculturais.

Em *Os Rios Profundos*, identifica-se a atuação de Ernesto, um narrador transmigrador que atravessa as margens do território peruano, visualizado, sentido e perquirido em seu estágio relacional do movimento de fricção e diálogo entre as culturas andinas. Através da utilização de uma bússola narrativa deslocada da finalidade de apontar direções unilaterais, Ernesto atua como um cartógrafo do trânsito pelo ecossistema do encontro das transversalidades culturais.

Seu itinerário figura “a capacidade de acolher o outro em sua diversidade, originando um entrecruzamento de imaginários e vozes” (BERND, 2015, p. 51). Deslocado do eixo da centralidade, Ernesto transmigra pela liminaridade de suas experiências contactuais, atravessando comarca cultural peruana, na companhia de seu pai, para aprender a disseminar as linhas de fuga de sua natureza compósita e relacional. Distanciado de seu genitor, ele amplia as trilhas transversais de tradução do lugar de

cultura do internato, bem como escala os fluxos das redes de alteridades de cada morador do espaço religioso.

A viagem pela zona da interação com seus colegas de internato (re)situa as questões de pertencimento ao espaço próprio e alheio. A recursividade aberta pelo movimento de Ernesto alcança seu ápice na deambulação pela plasticidade do imaginário e das vozes daqueles que habitam as territorialidades de Cusco e Abancay. Os vínculos tensos estendidos entre esses lugares da tradução cultural hospedam a figuração do gesto seminal em torno da condição assumida por “narradores nômades, deslocados, exilados muitas vezes dentro do próprio território nacional” (CURY, 2008, p. 14). Sob a jurisprudência da reflexão de Maria Zilda Cury, entende-se que Ernesto localiza-se na fronteira da voz nômade, deslocada e exilada dentro pátria peruana.

Expandindo mais esse aspecto, o narrador adolescente descola-se pelas constelações axiomáticas da língua, cultura e música peruanas. Ele instaura uma nomadologia das redes semânticas do viver em deslocamento dentro e fora de si e exila-se na tessitura escritural da poética da relação de seu eu diverso, solicitando a presença alheia na cartografia do sujeito desterritorializado do olhar monotemático e reterritorializado na cadência errante, içada pela abertura polissêmica dos rios profundos da palavra.

Aprendendo a interpretar as reticências do diálogo compósito, Ernesto embaralha a potencialidade convexa das culturas andinas, traduzida, singularmente, na travessia de personagens como: 1) Antero Samanez, filho de um fazendeiro da região e conhecedor de instrumentos como o zumbayllu; 2) Irmão Miguel, professor negro, responsável pelo treino dos estudantes e, fortemente discriminado pelos internos do colégio, em razão de sua cor; 3) Os colonos e índios, que trabalham como contratados na fazenda Patibamba e que vão, com seus movimentos, representando as condições de espoliação sofrida pelos autóctones; 4) Dona Felipa, a líder das chicheras, mulher deslocada e atemporal, que reivindica para si para outros direitos, além daqueles garantidos as mulheres de seu tempo, 5) Palacitos, o amigo mais jovem que foi trazido de uma comunidade indígena.

A agudeza da itinerância de Ernesto pontifica, assim, a figuração da “realidade viva e dinâmica, profunda, contraditória, dada a conhecer ao leitor através da experiência existencial de seus habitantes” (COUTINHO, 2013, p.28). Zona de passagem intrincada, a voz heterogênea de Ernesto equilibra-se na itinerância do imaginário híbrido de cada uma dessas personagens. O ritmo da travessia para o outro lado de si, além do deslocamento

pela atmosfera cambiante das latências do outro, reposiciona o narrador adolescente no espaço de acolhida das mobilidades culturais.

O trânsito de Ernesto oxigena não apenas a compreensão de sua estrangeiridade interna, pontificada no passo a passo das relações conflitivas com os signos da cultura local do internato, mas também alimenta seu estágio de tradução das trocas culturais estabelecidas no contato com as novas configurações do saber errante. Sob essa forma de pensar, o narrador arguediano deambula pelo território de uma *“memória que está despedaçada em geografias, histórias e experiências dissimiles”* (POLAR, 2000, p. 131). As espacialidades atravessadas por Ernesto redigem, na tábula de sua memória, os fragmentos da heterogeneidade linguística e cultural, atuando ambas como ponto de passagem para deslocá-lo das certezas do pertencimento e inseri-lo no limiar da natureza descentrada da imagem de si mesmo e do outro, com o qual estabelece redes conotativas enraizadas dinamicamente na zona da performance prolífica.

Fora da órbita dos revanchismos e atavismos estéticos, Ernesto é um sujeito migrante que grafa seu deslocamento entre o fluxo da fragmentação do eu que narra e do eu narrado. A migrância do narrador arguediano nasce da condição errática e transumante das paisagens do encontro, cruzando em ida e volta a sintaxe da voz e olhar des(re)territorializados no enredo da diferença plural das culturas peruanas. Ernesto, enfim, transmigra as fronteiras do narrar para adelgaçar a passagem do eu para o outro lado de si e concretizar seu projeto de cartografia da solidariedade disjuntiva e da topografia do imaginário intercambiado da travessia latino-americana.

Também imerso no circuito literário latino-americano, o escritor mineiro Guimarães Rosa desenha a caminhada de um narrador plural, que rasga o manto de invisibilidade jogado sobre as fronteiras do sertão e sobre os habitantes desse lugar de errância cultural, linguística, ética e rizomática. Para entrar nesse sertão da palavra, convoca-se a lição de Marli Fantini, ao mensurar:

Guimarães Rosa é cosmopolítico, viajante de inumeráveis paisagens, e seu imaginário confere materialidade a espaços intersticiais que deslizam de irreduzíveis singularidades locais à amplitude heterotópica do universal. O conhecimento de vários idiomas, o trânsito por inúmeras culturas, a diversidade de focos assegurada pelo olhar multifacetado do escritor são, no meu entendimento, fatores decisivos na constituição de sua poética de fronteiras (FANTINI, 2000, p. 215-2016).

Nesse ínterim interpretativo, a trajetória de Guimarães Rosa passa pela projeção da plasticidade estética, cultural e linguística das regiões do encontro de sujeitos radicados na territorialidade do diálogo. A assunção de lugares narrativos balizados pela dimensão da opacidade traz como traço diferencial uma leitura do movimento. Portadora desse

universo em construção, a escrita literária rosiana dinamiza as fronteiras simbólicas do contato entre culturas, apontando para o transbordamento da univocidade do imaginário. A estratégia de figuração adotada pelo narrador rosiano vem guarnecida, portanto, pelo rascunho dos vestígios de alteridades migrantes, embaladas pela dicção de culturas locais em fricção com redes globais.

Nas frestas de *Grande sertão: veredas*, o narrador transfronteiriço Riobaldo topografa o itinerário da travessia do eu múltiplo que navega pelas bordas geográficas e simbólicas do sertão-mundo. Deslocado do pensamento cartesiano, o exercício da mobilidade de Riobaldo permite-o disseminar, fisingando, as garatujas, os balbucios e as marcas do próprio e alheio no entre-mundos da narrativa rosiana. É desse lugar marcado pelo espírito da movência que Riobaldo agudiza a poética da travessia pelos territórios da estrangeiridade prospectiva, ao mesmo tempo que elege a itinerância do olhar e da voz como vias fecundas para impulsionar o transbordamento da interrogação de si mesmo e do outro.

Vivendo entre as paisagens do devir, esse narrador transfronteiriço enlaça a geograficidade do deslocamento. O movimento pelo sertão físico, lugar em que amplia sua experiência de ser andante, arremessa Riobaldo na trama do sertão simbólico, territorialidade discursiva onde são escandidas as figurações do contato intercultural. Soma, subtração, multiplicação e divisão de solidariedades conjecturais, Riobaldo emerge do imaginário híbrido das culturas do trânsito. Cerzindo para si e para outro o caminho do diálogo, o narrador migrante belisca o traço de sua estrangeiridade como letrado e jagunço, aprendendo, portanto, a deslizar e a estampar o signo do entre-lugar através da estética intercultural.

Nesse sentido, falar a partir do lugar de travessia, do dizer da diferença territorial e do narrar o outro em travessia constituem os pontos nodais da voz errante de Riobaldo. Esse homem letrado, retirado do espaço urbano e reposicionado na liminaridade do sertão, vivencia a estética da vacância como dispositivo semântico para (re)ler e (re)escrever a paisagem das trocas linguísticas, éticas, culturais, religiosas e ambientais. Da primeira palavra enunciada por Riobaldo: “Nonada”, a última: “Travessia”, desenha-se a performance do entre culturas. Isto é, projeta-se a geografia do movimento que explora o ritmo da caminhada, as paradas, as incompreensões da paisagem, os traços das pegadas do alheio e os vestígios do próprio afrontando as fronteiras do território de outrem.

Ao desviar-se da centralidade da voz, tingindo-a de marcas heteróclitas, Riobaldo desterritorializa-se dos limites de sua alteridade de homem das letras e reterritorializa-se

na alteridade de homem das armas. Na travessia pela estética da desterritorialização e reterritorialização, o narrador transfronteiriço reaprende descosturar as filigranas homogêneas e endógenas do pertencimento e relançá-las no arquipélago das opacidades culturais. Riobaldo monta, destarte, um mapa das alteridades rizomáticas, atravessando, a seu modo, a margem do olhar e da voz que remam, à deriva, no sertão da palavra rosiana, instância de saberes onde a plasticidade da poética do contato embaralha o sentido das pertenças e desloca o eu múltiplo para dentro e fora da natureza intermediária e paradoxal.

Navegante da bacia estética latino-americana, o ficcionista Milton Hatoum elabora o mapa do deslocamento de narradores intercontinentais pela comarca cultural manauara. Em topografias da ficção de Milton Hatoum, Maria Zilda Cury constata:

Relato de um certo oriente é composto a partir de relatos cruzados, com vários narradores, e colocando em cena uma família libanesa, imigrante em Manaus. Narrativa híbrida, líquida, onde águas dos rios tropicais brasileiros – o Amazonas e o Negro – se misturam àquelas do mediterrâneo: mistura de sotaques, religiões, da cidade e da mata, de nativos e imigrantes (CURY, 2009, p.44).

Indo por essa vereda interpretativa, *RCO* desenvolve-se a partir da poética da relação entre narradores brasileiros e estrangeiros, que se encontram na zona do imaginário de vidas múltiplas. Por isso, as travessias do nacional indígena e do estrangeiro libanês, alemão e português constituem-se portos de figuração, onde os lugares do narrar se misturam constantemente, para dimensionar os traços da estrangeiridade que aproxima e distancia o próprio e alheio.

Alojados no limiar da voz de dentro e de fora, as paisagens da letra hatouniana trazem pistas de como o outro se perde e se encontra na travessia. Neste mapa literário, desenha-se a jornada de figuração de alteridades libanesas, alemãs, portuguesas e brasileiras, cujas direções paralelas e diagonais, cartografam o intercurso de vidas imantadas pelo presságio da importância de desvendar o outro de si, para expandir a cadência dos limiares interculturais. Abrindo as paisagens do encontro para o processo de travessias dentro e fora do imaginário brasileiro, o texto hatouniano testemunha as experiências das relações entre o eu e o outro, projetando percepções de relações interpessoais, amparadas na estética da tradução cultural.

Ao narrar o interlúdio das tensões do encontro, a escrita hatouniana cartografa a visão que as personagens nacionais indígenas têm do estrangeiro, bem como figura o olhar que o estrangeiro lança sobre o nacional indígena e o nacional híbrido resultante do contato com regiões planetárias. Através da recolha dos vestígios do mundo feito de mediações culturais, os narradores deambulam por zonas de interação, onde são

fecundadas infinitas redes de alteridade, aportando no território da cultura rizomática para desenhar o mapa simbólico da descoberta de si e do vir a ser outro.

Os lugares de narrar o próprio e alheio da narradora do relato testemunham desvios para habitar o espaço zonal da heterogeneidade do encontro consigo mesma e o outro libanês, alemão, brasileiro e português. Mundos são reconectados e os tempos são redefinidos pelo ritmo das cartografias e tranças do outro na poética da relação traduzida pelos narradores de dentro e fora do imaginário intercultural. Em *RCO*, figura-se, portanto, o outro no limiar dos fluxos migratórios de falas ambíguas que rasgam a capa da superficialidade do estereótipo, com vistas a riscar outros itinerários, onde o traço fecundante encontra-se imantado pela consciência paradoxal da alteridade.

Vistos como uma instância policromática do entre, as escritas de Rosa, Arguedas e Hatoum figuram, assim, os traços da multiplicidade linguística, cultural e ecológica através da travessia pela geografia da diferença latino-americana. Na interlocução via mobilidade cultural, os textos dos autores em questão apresentam-se como escritas e territórios literários em trânsito, cuja capilaridade discursiva permite uma guinada de leitura fecundada pela cartografia da des(re)territorialização da alteridade. Essa cartografia passa, singularmente, pela zona da percepção das constelações rizomáticas dos encontros entre as culturas, línguas e experiências de deslocamentos supranacionais.

Habitando posições intervalares, os narradores movem-se entre passagens, itinerários e paisagens culturais que instauram a poética do dentro-fora e fora-dentro das redes de solidariedades latino-americanas. Do trânsito pelo espaço medial, os narradores rosianos, arguedianos e hatounianos exploram a dinâmica do movimento para se des(re)territorializarem entre imaginários embalados pela dinâmica de subjetividades e histórias múltiplas. Em sua natureza performativa, os três romances pontificam a interação cultural em sua espessura local e global, impulsionando o fluxo da heterogeneidade e mutabilidade das vozes, dos contatos e das rasuras do eu que narra e do eu narrado.

As dicções projetadas por Ernesto, Riobaldo e a narradora dão volume à travessia pelo território de narrativas globais, cujas coordenadas de navegação integram o horizonte da topografia de vidas errantes, nômades e rizomáticas. Essa aproximação friccional entre a voz de dentro e a de fora do imaginário posto em diálogo realiza-se através do mapeamento dos vestígios memoriais de escritas e territórios em deslocamento. A performance narrativa dos três narradores latino-americanos consubstancia-se à tarefa de traduzir linguística, cultural, ética e literariamente as poéticas do estranhamento

edificadas na transumância das comarcas nacionais, bem como da necessidade de mapear o pensamento da (des)(re)territorializado através da figuração dos encontros entre culturas e imaginários interplanetários.

No cenário das relações intercontinentais, a sílaba tônica da travessia de Ernesto, Riobaldo e da narradora recai sobre o imaginário da distância, da perspectiva móvel, das identidades em trânsito e da consciência de deslocamento. Essa passagem pelos territórios das relações entre o eu e o outro recoloca o jogo dialógico dos trânsitos culturais. A interação entre línguas, sujeitos e territorialidades vivida pelo trio latino-americano pontifica o universo do entre-dois, do viver nas frestas e do experimentar das fricções culturais.

O itinerário de Ernesto, Riobaldo e da narradora respalda-se na exegese das temporalidades disjuntivas, como estratégia articuladora da travessia pelas filigranas da solidariedade cultural/estética, fomentada desde o movimento dos intercâmbios das memórias interplanetárias. A tríplice fronteira cartografada pelos narradores enraíza-se dinamicamente o magma semântico das trocas culturais, cujo testemunho dissemina a força do diálogo com as raízes múltiplas do deslocamento. Os processos de tradução do deslocamento estão respaldados pela (re)construção de percursos que intersectam paisagens através coreografias das alteridades, sublinhadas pela experiência dos interstícios culturais.

Agências de fomento da poética do deslocamento, as narrativas arguediana, rosiana e hatouniana etnografam uma geografia do desterro, a qual mexe com as zonas de pertencimento provisório, costurando, assim, cenas dos movimentos migratórios dentro da espessura de culturas transfronteiriças, alimentadas da maximização de alteridades reticentes, cujas bordas de travessia desatam os fios da linha divisória entre o eu e o outro. Os três narradores promovem a entrada e a saída de outros meios simbólicos de expansão da alteridade, consentindo o livre trânsito pela movência do devir da experiência narrativa.

No margear das experiências, Ernesto, Riobaldo e a narradora sublinham a flexibilização dos marcos regulatórios da tradução do eu diverso, cartografando semioses deslocadas do plano das superficialidades e guiadas dialogicamente pela ventura do esgarçamento da textualidade binária. Destarte, a figuração da alteridade rizomática latino-americana passa pela topografia do deslocamento pelas margens heterogêneas da cultura própria e alheia. Os três sujeitos do narrar referendam os interditos de alteridades posicionadas na zona de passagem do texto plural. Mais ainda, eles exploram o

movimento da voz para esticar o território da palavra até o continente do diálogo, fazendo-o, por conseguinte, habitar o ecossistema da cultura errante, do olhar dinâmico e da paisagem rizomática.

A triangulação proposta pelo trio narrativo, erguida em meio aos planaltos e planícies da opacidade, vem guarnecida pela tradução das fronteiras em seu movimento incontornável, desterritorializado das finalidades precípua da separação entre o mesmo e o diverso. Estar, ser e viver nos entremeios das fronteiras é uma forma de Ernesto, Riobaldo e a narradora conjugarem o ritmo das performances migrantes como meio para atingirem as latitudes da deriva, que impulsionam a travessia do outro pelos territórios da relação intercontinental.

Esse outro, como marca de uma geografia dos contatos, está desenhado entre o dentro e o fora das relações culturais. Nesse porto de passagem, espraia-se a dinâmica da des(re)territorialização rizomática do imaginário latino-americano, atuando como um convite contínuo para ampliar nossos exercícios críticos em torno dos estudos comparados alicerçados nas fronteiras do devir.

Referências

- ARGUEDAS, José María. **Os rios profundos**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BERND, Zilá. **Análise da vocação transcultural da Revista Interfaces Brasil-Canadá (2001-2014)**. In. Encontros transculturais: Brasil-Canadá. Org. BERND, Zilá; IMBERT, Patrick. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2015.
- CARVALHAL, Tania. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo, Editora UNISINOS, 2003.
- COUTINHO, Eduardo Faria. **Grande sertão: veredas: travessias**. São Paulo, Realizações Editora, 2013.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. **Novas geografias narrativas**. Letras de Hoje, v. 42, 2008.
- FANTINI, Marli. **Grande sertão: fronteiras**. In: Luis Alberto Brandão Santos; Maria Antonieta Pereira. (Org.). Trocas culturais na América Latina. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.
- HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

POLAR, Cornejo. **O condor voa: literatura e cultura latino-americanas**. Org. Mario Vale Valdés. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte, 2000.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.